

PRÁTICAS AVALIATIVAS NOS CURSOS DE HISTÓRIA: O QUE DISSERAM OS LICENCIANDOS?

Maria de Lourdes da Silva Neta - UECE¹

RESUMO

As disciplinas pedagógicas nos cursos de formação de professores devem proporcionar aos licenciandos saberes acerca dos aspectos didáticos-pedagógicos que serão utilizados na profissão. O objeto do escrito constituiu-se das práticas avaliativas apreendidas pelos estudantes nos cursos de História da Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal do Ceará. Esta pesquisa, de caráter documental e bibliográfico, teve como fundamentação teórico-metodológica os escritos de Masseto (2010), Stefanello (2008) e Tardif (2008, 2011), dentre outros. O estudo evidenciou que as práticas avaliativas dos professores nos cursos de licenciatura em História, se caracterizaram pela aplicação de instrumentos avaliativos, no qual os docentes responsáveis pelas disciplinas pedagógicas deixaram de revelar a importância da avaliação no trabalho docente.

Palavras-chave: Práticas Avaliativas. Licenciatura em História. Formação de Professores.

¹ Graduada em Pedagogia, especialista em Gestão Educacional, Mestre em Educação (UECE), Doutoranda em Educação (UECE). E-mail: neta.lourdes@uece.br.

A avaliação está presente em nosso cotidiano. Necessitamos da utilização das atividades avaliativas para coletar dados e informações, a fim de que possamos emitir juízo de valor, objetivando tomar decisões. O processo avaliativo é inconcluso, realizado no momento em que o docente planeja para ensinar, ensina para fomentar aprendizagem e avalia para sondar os conhecimentos e as dificuldades dos educandos na perspectiva de replanejar o ensino, objetivando a melhoria do processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, o escrito aborda como objeto de estudo as práticas² avaliativas apreendidas pelos discentes nos cursos de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade Federal do Ceará – UFC.

A compressão das práticas avaliativas apreendidas pelos licenciandos em História constituiu o objetivo geral do texto. Os objetivos específicos aportaram-se em descrever as práticas avaliativas nas disciplinas de ensino; apresentar os instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores e revelar influência das práticas avaliativas dos professores na formação docente.

O percurso metodológico percorrido nesta investigação privilegiou a abordagem qualitativa de análise e contou, assim, com a utilização de dois grupos de discussão, com a participação dos discentes que cursavam o 7º e 8º semestres. Para justificarmos a escolha da abordagem qualitativa, recorreremos aos escritos de Bogdan e Biklen (1994: 47 – 50) descrevendo cinco características desta investigação:

Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; 2) A investigação qualitativa é descritiva; 3) Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; 4) Os investigadores qualitativos tendem analisar os seus dados de forma indutiva; 5) O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

A investigação qualitativa objetiva a compreensão e não a explicação, também, deve ser de natureza teórica e prática, concomitantemente. O trabalho corresponde à investigação qualitativa, recaindo sobre aspectos da formação docente nos cursos de

² Este texto exprime um recorte proveniente de um trabalho dissertativo defendido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará- UECE, intitulado: *Práticas Avaliativas na Docência Universitária: Um Estudo Comparativo*, pesquisa que buscou compreender como foram constituídas as práticas avaliativas dos professores nos cursos de História da Universidade Estadual do Ceará – UECE e da Universidade Federal do Ceará – UFC.

História, especificamente, as práticas avaliativas ensinadas aos licenciandos do curso citado.

A seleção da área do curso e dos sujeitos participantes desta pesquisa organizou-se do seguinte modo: primeiramente, estudamos os Projetos Pedagógicos dos cursos de História da UECE e UFC, no qual verificamos que as matrizes curriculares subdividiam-se em áreas, na qual escolhemos a área Ensino para realização da investigação, pois se referia às disciplinas pedagógicas ofertadas na formação em licenciatura. A participação dos estudantes que cursavam o sétimo ou oitavo semestre deu-se pelo fato de terem cursado ou cursarem as disciplinas de ensino ou pedagógicas no período de realização da pesquisa. Para a coleta das informações dos discentes, recorremos à técnica de coleta de dados denominado de grupo focal, na perspectiva de Gatti (2005:11), corrobora o seguinte entendimento, ao afirmar que

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

Os grupos de discussão dos discentes que participaram da pesquisa foram constituídos por 13 estudantes que cursavam o 7º e 8º semestres, sendo sete do curso de História ofertado pela UECE no turno da noite e seis do curso de História da UFC e que estudavam no horário diurno. O grupo de licenciandos da UECE foi composto por quatro homens e três mulheres com a faixa etária de 21 – 28 anos e dos estudantes de História da UFC constituiu-se por três homens e três mulheres com a faixa etária de 22 – 27 anos. Objetivando preservar a identidade dos participantes do grupo de discussão nas duas instituições de ensino superior, escolhemos a nomenclatura estudante seguida por numeral.

A sistematização das informações empreendidas no escrito foram organizadas em duas partes. Primeiramente, apresentamos a concepção dos discentes da UECE referentes às práticas avaliativas e, posteriormente, a descrição dos aspectos avaliativos mencionados pelos licenciandos em História da UFC.

1. Práticas Avaliativas no Curso de História da UECE

Para compreendermos as práticas avaliativas ensinadas aos estudantes do curso de licenciatura em História da UECE, primeiramente indagamos acerca do conceito de avaliação para os discentes, e coletamos a seguinte resposta:

Geralmente, pelo menos nas experiências que eu tive, avaliação é no sentido de você ter uma questão, em relação a escrita para você saber se foi compreendido ou não o texto lido ou alguma prática, alguma vivência naquela sala de aula. Apesar de que na minha experiência, acho que só teve em uma cadeira que foi do professor C, que eu tive avaliação escrita, as outras eu nenhuma eu tive, mas a ideia que a gente compreende, pelo menos, acha que de senso comum, é algo que seja escrito, um documento escrito. (ESTUDANTE 02 – CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Conforme a conceituação expressa pelo estudante, notamos a ênfase em relação à aplicabilidade dos instrumentos de avaliação, em que se referiram ao instrumento prova, deixando de ressaltar o sentido da avaliação na perspectiva de aplicação de instrumentos, objetivando a coleta de informações, com o intuito de sondagem acerca da aprendizagem ou de tomada de decisões para minimizar ou sanar as dificuldades de conhecimentos. Confirmamos tal asserção de acordo com os escritos de Stefanello (2008:127), no momento que nos informaram:

Avaliação da aprendizagem como processo complexo. Requer elaboração de objetivos e instrumentos para obter os resultados. Estes, por sua vez, devem ser interpretados e essa análise deve evidenciar até que ponto os objetivos foram atingidos, devendo-se formular um julgamento.

Sem a interpretação dos resultados e a constatação da realização dos objetivos para que formulam o julgamento de valor, não se pode dizer que foi desenvolvida avaliação, mas, simplesmente, aplicação de instrumentos.

Na busca das informações referentes às técnicas, critérios e instrumentos de avaliação, que foram utilizados pelos docentes nas disciplinas pedagógicas, encontramos o desconhecimento desta informação e a desvalorização das disciplinas pedagógicas. O estudante 06 disse, “Não. Aliás, só tinha um professor que fazia autoavaliação que era justamente o professor F, mas que também não era cadeira de Ensino. É porque aqui as disciplinas mais importantes são de pesquisa e não de Ensino” (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Os estudantes foram questionados a respeito do emprego dos instrumentos de avaliação nas disciplinas de ensino. Eles responderam que, foram utilizadas provas e seminários e, além disso, a frequência, em sala de aula, nota de participação. O

estudante 06 comentou que não sabia como eram constituídos os critérios para esta avaliação da participação:

Que nem isso eu sei como eles avaliam, pois isso era muito complexo, porque o professor C (disciplina de ensino) era um que falava: se faltar eu vou reprovar. Aí chegava pertinho de terminar, ele falava: olha fulano de tal tem tantas faltas se ele entregar até tal dia todos os trabalhos, as faltas estão abonadas, eu libero. Ele dizia que tinha um critério, mas no final das contas não sabíamos como era feito este critério. Então essa participação seria, vamos dizer, interligada com a presença? Isso, é vamos dizer que signifique isso pra eles, mas não temos esclarecimento disso (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Atentamos para sondar se os docentes realizam comentários após a coleta dos dados obtida dos instrumentos de avaliação acerca do resultado atingido pelos estudantes. O obtivemos a resposta ofertada pelo estudante 07 mencionou que,

O docente C teve uma cadeira que a gente fez com ele, que ele fez no final uma avaliação da própria cadeira, ele fez um papelzinho pra gente preencher um formulário da própria cadeira e tal, e ele falou também o que achou do desempenho da turma e da cadeira, ele falou isso, a única do Ensino (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Outro endossou a informação citada anteriormente pelo participante do grupo focal e confirma a prática avaliativa do docente alhures comentado.

Na acepção descrita adiante, além do docente C, também foram citados os comentários realizados pelo docente E, chamando-se a atenção para o fato de que ambos lecionaram disciplinas de ensino. O estudante 01 exprime:

Eu lembrei que na minha época ele (referindo-se ao docente C) fazia além dele mesmo avaliar os seminários, ele entrega para cada aluno, também um papelzinho pra você avaliar o grupo que estava apresentando, na minha época foi assim, aí você escrevia tipo, qual o tema que o grupo falou. Pra ver se você tinha entendido, o que o grupo explicou aí você resumia e que nota você dá. [...] Mas assim, a respeito do seminário, a respeito da organização do tempo que o outro colega relatou, da postura de como foi que você se portou pra apresentar aquele conteúdo, pra apresentar o seu trabalho, era feito comentário sobre isso. Ou então na própria prova, a prova vem corrigida e tinha um comentário [...] (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Os comentários dos discentes relacionados ao instrumento avaliativo denominado seminário, ocorreram em uma disciplina da área de ensino, sendo significativo para sua formação conforme a concepção expressa pelo discente.

Outro estudante disse que passou pela experiência de avaliação nos seminários em uma disciplina que não correspondia à área de ensino, ressaltando como critérios de avaliação o modo como os discentes estavam vestidos,

[...] Nosso primeiro seminário que a gente fez aqui na UECE, com o professor G da disciplina que não era de ensino, comentou sobre nossa maneira de se portar no seminário, vocês lembram? (perguntou para os outros) Nós viemos de calça, blusa,

tênis e apresentamos o seminário em pé usando o quadro. Com o passar das cadeiras nós fomos fazendo vendo os professores, as maneiras que os professores se portavam e tudo mais, hoje eu venho de bermuda, camisa, sandália e nós vamos apresentar o seminário sentado e sem usar o quadro, sem usar nada. É porque é aquela coisa. Eu vou sair copiando o estilo do professor, em sala de aula é assim ele se senta e vai lendo, ou seja, nós vamos sair copiando se o professor não tá cobrando, se ele não faz assim, eu também não vou cobrar dos meus alunos.

O único professor que é da disciplina de ensino, que nós admiramos porque é um professor que é de colégio de Ensino Médio e ele tinha essa preocupação, havia os seminários ele dizia:

- Oh! Vocês tem que vir bem vestido, tem que se portar de tal forma, porque o mercado é assim, por exemplo, ele falava da questão das novas mídias sociais, não há preparação, o aluno ele é jogado no mercado.

Aí quando a gente sai daqui para dá aula, realmente a gente vai dessa maneira. Em escola a gente vai chega de calça, tênis, bem arrumadinho, bonitinho, usa o quadro, no emprego, mas quando chega aqui (referindo-se a universidade) normalmente, nós chegamos sentamos, começamos a discutimos o texto. Mas esse preparo, vamos dizer do professor, da figura do profissional docente, não existiu. A preocupação é muito maior com a pesquisa, apesar de ser um curso de licenciatura (ESTUDANTE 02 - CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Nas palavras proferidas pelo discente constatamos a admiração pela postura de um professor que ministra aulas na área de ensino e possuía experiência docente no Ensino Médio, assim como foram tecidas críticas ao modo de se portar de alguns docentes influenciando no comportamento do licenciando e a revelação da falta de formação para ser professor. Neste sentido, destacamos que a ênfase na prática como imitação dos modelos adotados pelos professores, pois, na acepção organizada por Pimenta e Lima (2012:35), o exercício de qualquer profissão é prático,

No sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. A profissão professor também é prática. E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons. Muitas vezes nossos alunos aprendem conosco nos observando, imitando, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do nosso modo de ser. Nesse processo escolhem, separam aquilo que consideram adequados, acrescentam novos modos, adaptando-se aos contextos nos quais se encontram. Para isso lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram.

As autoras supracitadas enfatizaram o fato de que uma das atividades dos estudantes dos cursos de licenciatura é selecionar os modelos considerados “bons” e readaptar a sua prática profissional, assim como descartar os modelos incoerentes com as atividades docentes.

Ao grupo de estudantes, questionamos a respeito das estratégias utilizadas pelos professores das disciplinas de ensino para diminuir ou sanar os problemas de aprendizagem acerca dos conteúdos ensinados. A resposta foi negativa na concepção de uso de estratégia. O estudante 05 fez o seguinte escólio:

A nossa ideia de avaliação acho que até por eles mesmos (os professores), não tinha como eles fazerem prova e saber se eles (os estudantes) estão entendendo ou não. Acho que ele não conseguia compreender como é o que estava acontecendo com a turma. Porque normalmente eram dez texto, se você entregar os dez você tinha dez, se você entregasse menos tinha menos. Só que na maioria das vezes até quem entregava menos ainda saía com nota alta. Então às vezes a pessoa que nunca tinha entregue um texto no decorrer das aulas no último dia de aula chegava na sala com os dez textos e tirava dez. (CURSO DE HISTÓRIA – UECE).

Perguntamos se este modelo de avaliação era desestimulante, dois participantes solicitaram a palavra e responderam de modo afirmativo. Um disse que:

Com certeza, muito, muito, até porque aluno de Universidade, inclusive porque estuda a noite, trabalhando, sempre a gente tem uma aula brinde e as aulas brindes sempre são as aulas de educação (refere-se a disciplina de ensino), porque é “frouxo”, porque não há exigência, porque não precisa vir, no final tá bom, eu coloco tua presença mais ou menos na última aula, Entendeu? Então é sempre uma aula que não acontece, acaba desestimulando. Mas, outro ponto que gente deve levantar também que essa desvalorização, também parte da gente, exatamente a gente alimenta essa ideia. A gente vem para a UECE aí quando tem uma cadeira de educação, tomara que o professor não venha hoje, tomara que não tenha aula, [...], durante todo do semestre a gente não liga para a disciplina, então parte da gente. Parte da gente realmente, porque a cobrança das outras é imensas (disciplinas que compõem as outras áreas da matriz curricular), a gente quer que ali dê uma aliviada, então a gente já fica torcendo pra que aquela aí seja a que alivie (as disciplinas de ensino)[...] (ESTUDANTE 06 – CURSO DE HISTÓRIA - UECE).

O comentário apresentado anteriormente ressaltou os aspectos de desvalorização das disciplinas de ensino. O licenciando comentou a respeito da falta de exigência recíproca que acontecia entre os docentes e estudantes. Ele utilizou termos que menosprezaram o trabalho dos professores que ministraram as disciplinas de ensino e enalteceu o desenvolvimento das atividades de outras áreas que constituem a matriz curricular do curso de formação de professores em História da UECE.

Outra indagação que realizamos aos estudantes pautou-se na influência das práticas avaliativas dos docentes na constituição do modelo de avaliação que será utilizada pelos discentes do curso de licenciatura no exercício profissional docente. Um estudante (06), disse:

[...] Eu acho particularmente que a questão tradicional ela ainda é muito válida, especialmente quando você vai encarar o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Eu não tive nenhuma avaliação escrita, e eu acho fundamental você enquanto estudante ter uma avaliação escrita. Um documento que mostre o que foi que eu entendi de um texto o que eu percebi, a minha síntese daquilo ali. Então se eu tive aquilo e na minha concepção, na minha formação pessoal eu tento entender que aquilo é importante, eu vou tentar não seguir aquele critério de deixar de fazer prova. Então eu acho que é realmente a Educação é muito problemática, você está percebendo que tem muitos problemas assim, em relação a metodologia da educação e dentro da História e a avaliação realmente é gritante assim. Estou no

final do curso e ainda não aprendi como vou avaliar os alunos. (CURSO DE HISTÓRIA - UECE).

Nas palavras proferidas pelo estudante, foi observado o fato de que este conhecimento para avaliar os estudantes será constituído no decorrer de sua experiência profissional, ou melhor, será constituído como saber experiencial. Na concepção defendida por Tardif (2008: 48 – 49), "pode-se chamar de saberes experienciais o conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos". São conhecimentos constituídos no decorrer das atividades profissionais. Conforme o estudante comentou, que durante sua formação, o conteúdo referente avaliação deixou de ser trabalhado.

No segmento adiante, informaremos os relatos dos estudantes do curso de História da UFC em relação às práticas avaliativas utilizadas pelos docentes na formação no curso de licenciatura.

2. O Curso de História da UFC: Práticas Avaliativas na concepção discente

Sobre o questionamento acerca do conceito de avaliação, um licenciando se pronunciou e ofertou a seguinte resposta logo mais comentada abordando a avaliação como sendo

[...] Colocar a prova, você de alguma maneira eu vou ter que provar o que aprendi ou que pelo menos se eu decorei aquilo. Pra mim é muito o feedback daquilo que foi passado. Então se a gente passou o semestre todo discutindo tal assunto na avaliação a gente fala o que ficou, o que foi que não ficou, o que deu para aprender, vamos dizer. (ESTUDANTE 02- CURSO DE HISTÓRIA – UFC).

No conceito expresso, a avaliação foi abordada como uma perspectiva de provar ou de memorizar o conhecimento. Este escólio remeteu-nos à concepção avaliativa expressa na tendência historiográfica positivista, a qual se centrava na quantidade de informações que o estudante conseguisse apreender, com base na memorização de informações ensinadas pelo docente com o cunho classificatório e meritocrático (SCHMIDT E CAINELLI, 2004). Outro aspecto perceptível nas palavras mencionadas foi a ênfase na avaliação da aprendizagem discente, como também do ensino sob a responsabilidade docente.

Além do conceito avaliativo expresso pelo estudante, os outros informaram que tomam conhecimento dos instrumentos avaliativos utilizados nas disciplinas de ensino, geralmente na primeira aula, quando os professores explicam como será o processo avaliativo, e o procedimento de organização dos documentos utilizados como instrumentos avaliativos, como, por exemplo, relatórios, seminários, dentre outros.

Indagamos aos estudantes acerca das informações dos docentes no concernente aos critérios, instrumentos e técnicas de avaliação que foram utilizados nas disciplinas de ensino. Um discente, se referindo à avaliação realizada nas disciplinas de ensino, ofertou uma resposta reveladora, no sentido de comentar que existiram situações em que os mesmos instrumentos e as mesmas questões repetidas nas provas durante oito semestres,

É subjetivo é de cada professor, assim cada um analisa um critério diferente. Tem professor que quer que copie o texto na prova. Tem professor que quer que você analise, discuta o texto, opinião sobre o texto, e aí a gente só acaba sabendo quando vê a nota, a correção. [...] Algumas vezes até as questões ainda continuam sendo as mesmas, as mesmas de quatro anos atrás. A gente só faz pegar as questões estuda aquilo ali, até na conversa, na própria conversa, de semestres passados, quando eles estavam fazendo a cadeira que nós estamos fazendo, eles já fizeram também essa pesquisa se a prova tinha sido a mesma em outros semestres, e já falando, olha essa questão aqui sempre cai, essa aqui varia, mas essa outra aqui, pode ter certeza que vai ter. [...] É, sério. É porque assim, geralmente cada disciplina tem seus objetivos, vamos dizer assim. Então os objetivos geralmente são os mesmos, eles querem puxar da gente aquelas discussões, então eles não mudam as formas das questões. Mas é tão pontual, de acordo com o que cada turma acabou discutindo, deu mais valor até nas discussões do texto. Os professores não mudam as questões, deviam pensar não vou fazer uma questão mais desse texto, porque a gente passou mais tempo discutindo ele, mas isso não tem uma padronização, não é uma regra, Vai do bom senso do professor, vamos dizer assim, e esperar por bom senso de professor. (ESTUDANTE 06 – CURSO DE HISTÓRIA – UFC).

Com o relato do estudante, contatamos a falta de interesse em compreender os conteúdos ensinados e se dedicar aprendizagem pelo fato da repetição dos instrumentos avaliativos.

Aos licenciandos, indagamos o modo como tomaram conhecimento dos instrumentos de avaliação. A resposta informada foi no primeiro dia de aula. Depois, procuramos saber de modo específico os instrumentos avaliativos utilizados nas disciplinas de ensino. Os estudantes responderam que além dos relatórios e seminários, também foram usadas provas e autoavaliação.

O grupo foi questionado acerca da ocorrência de comentários, por parte dos professores, após a coleta dos dados obtida na aplicação dos instrumentos de avaliação mediante os resultados atingidos. O estudante 01 respondeu “que não se lembrava de

nenhum docente que havia feito estes comentários”. (CURSO DE HISTÓRIA – UFC).

O estudante 02 ofereceu a seguinte resposta:

*Eu me lembro de dois [...] que depois da prova, depois dos seminários. Comentam individualmente. Geralmente negativamente. Nos seminários geralmente eles discutem cada seminário de cada grupo, e na prova faz uma avaliação geral.
- Ah! Na prova eu percebi que muitos alunos comentaram tal erro ou foram mais pra um lado [...]. Normalmente antes de entregar a prova eles sempre fazem esse tipo de avaliação. Vamos dizer é um feedback coletivo que eles passam para a turma. Isso, aí tirando esse dois casos desses dois professores que fizeram essa mesma análise. Os outros fizeram, porém de modo coletivo (CURSO DE HISTÓRIA - UFC).*

O estudante 02, que afirmou referente aos escólios dos docentes do curso de História da UFC, mencionou que estes comentários foram feitos de maneira individual aos estudantes da turma e de modo diferente, ou seja, coletivamente, pelos demais professores que ministraram as disciplinas de ensino.

Também questionamos a respeito das estratégias utilizadas pelos professores para diminuir ou sanar os problemas de aprendizagem. O estudante 03 disse: “tem avaliação final” (CURSO DE HISTÓRIA – UFC). Outro participante do grupo expôs:

Isso não existe deles perceberem as falhas individuais. Parte mais uma vez essa fala tá no discurso deles de que a gente tem que perceber nossos estudantes, mas não tá na prática. Raramente eles têm contato com a gente individual para saber o que é que cada um precisa e eu não sei, eu acho que quando eles percebem alguma deficiência nossa, eles lançam isso em forma de nota e não procuram acrescentar isso a gente, eles não procuram. (ESTUDANTE 05, CURSO DE HISTÓRIA – UFC).

Nas respostas proferidas pelos estudantes, observamos a falta de estratégias dos professores que ministravam as disciplinas de ensino para sanar ou minimizar as dificuldades em relação ao conteúdo. O estudante 02 elegeu os comentários individuais realizados pelos docentes como estratégias de fomento à aprendizagem.

Em relação à característica do processo de avaliação juntamente com o de aprendizagem Masetto (2010:164) opina que:

Esta é, com efeito, a primeira grande característica de um processo de avaliação: estar integrado ao processo de aprendizagem como um elemento de incentivo e motivação para aprendizagem. E esta é a primeira diferença em nossa prática: não estamos acostumados a ver avaliação como incentivo à aprendizagem e sim como identificadora de resultados obtidos (P.164).

O autor mencionou avaliação de maneira integrada à aprendizagem na perspectiva de servir como incentivo de aprendizagem aos estudantes, deixando de reduzir-se aos resultados obtidos por meio dos instrumentos avaliativos.

Perguntamos aos participantes do grupo focal se estes acreditam que as práticas avaliativas utilizadas pelos professores poderiam influenciar em suas práticas avaliativas a serem utilizadas no decorrer da profissão. O estudante 07 respondeu de modo afirmativo que

Claro! Acredito que sim a gente acaba refletindo muito, o que a gente aprende aqui do que a gente vai levar para nossos alunos. Então é com certeza. Acho que a gente acaba sendo moldado a fazer as mesmas coisas. Ou não, ou então exatamente o contrário. É eu nunca faria isso! Eu estava até conversando com um colega de turma

Que até disse:

- Se eu fosse professor eu nunca faria isso. [...]

E tipo, às vezes a gente fica tão assim com aquele tipo de avaliação que a gente pensa em fazer uma coisa diferente, porque a nossa experiência sendo avaliado daquela tipo, naquela forma, a gente não se sente bem, não se sente contemplado, não sente que foi uma coisa é confortável assim, então a gente quer fazer diferente. (CURSO DE HISTÓRIA – UFC).

O comentário do discente indicou que o processo avaliativo desenvolvido pelos professores pode influenciar nas escolhas das práticas a serem utilizadas pelos estudantes. Observamos nas palavras mencionadas que algumas práticas vivenciadas foram descartadas para exercício profissional docente.

Interpelamos se, com a participação nas disciplinas de ensino, os estudantes, em sua formação adquiriram conhecimento para avaliar os discentes no decorrer de sua prática profissional. O comentário do estudante 03 foi o seguinte:

Não, não como a gente queria, mas na verdade, foi mais do que eu espera. Achei que, quando eu entrei, por ser uma universidade pública, e por ser licenciatura e tudo, eu achei que seria muito ruim, já vim de uma escola pública, [...] Eu achei que dava para ser muito mais, dava para ser bem melhor, ainda mais se os professores realmente tivessem a experiência que a gente gostaria que eles tivessem tido. Esse é o grande problema, esse é o maior problema das disciplinas de ensino. Professores tanto os que vêm da educação, de outras áreas que realmente sejam da educação, que não sejam daqui. O que acontece, é normalmente licenciatura não é uma coisa que é muito valorizada, todo mundo sabe disso. E o que acontece é que mesmo quando você faz licenciatura, você pode ir também para a pesquisa, mesmo fazendo licenciatura, você pode ir para lado da pesquisa ou você pode ir ensinar. E esses professores que estão dando aula para gente, não foram os que escolheram ensinar. Não foi. Então eles, talvez não passem nem na frente de um colégio na vida. Então fica difícil eles avaliarem a gente e tentar entender como é que é a vida numa escola, dando aula, se eles não fizeram isso. Fizeram talvez no máximo o que a gente fez, disciplinas de ensino. É porque eles estão formando profissionais para ensinar? Então se eles não tiveram essas práticas de ensino, eles não podem dizer para a gente quais são os percalços que nós vamos encontrar na profissão. E eu vejo assim, que eles (referindo-se aos professores) geralmente têm um discurso e na prática tem outro. Tem um discurso, ah vamos fazer uma, pensar criticamente, analisar de outra maneira, trabalhar mais individualmente, mais próximo com os estudantes, vamos trazer as experiências dos estudantes e a partir disso falar. Aí quando eles vão fazer é totalmente o modo o tradicional, eles vêm com o texto pronto, a discussão pronta e se a gente não falar o que eles querem escutar, geralmente não dá certo. (CURSO DE HISTÓRIA – UFC).

Podemos compreender que a formação na área avaliativa obtida pelo discente que fez a explanação deixou de atender suas expectativas profissionais relatando a falta de conhecimento dos docentes para ministrar as disciplina de ensino. Em suas palavras, é notável o fato de que um dos fatores que proporciona esta deficiência em sua formação foi a falta de conhecimento e de experiência dos docentes das disciplinas de ensino nos conteúdos referentes à educação básica, e, conseqüentemente, para realizar as práticas de avaliação. O estudante foi enfático no momento em que mencionou que os docentes tinham uma proposta de trabalho, mas, na execução as ações, aconteciam de modo diferenciado, pois os professores utilizavam “métodos tradicionais” de ensino, na perspectiva de que os discentes tinham que comentar o assunto de acordo com o que o docente almejava. Encontramos divergência em relação à superação da dicotomia entre teoria e prática, descrita no projeto político – pedagógico (2010:14) do curso de História da UFC, que traz o seguinte trecho,

[...] visando a superação da dicotomia teoria/prática, foi pensado a ressignificação de Prática de Ensino em História que:

1. Articule teoria e prática desde o I semestre objetivando uma formação universitária que possibilite a compreensão dos saberes e fazeres escolares como dimensões constitutivas do profissional de História.

No PPP, encontramos determinada informação, mas, conforme o comentário do discente existiu o distanciamento entre teoria/prática, aspecto que fragmentou a formação dos estudantes, sendo que esta ruptura iniciou-se com a formação ofertada por seus professores. Na concepção organizada por Tardif e Lessard (2011:137), a avaliação dos estudantes, deveria

Deixar de se limitar a dar notas em alguns momentos determinados pela burocracia escolar. Trata-se, pelo contrário, de atividades complexas, contínuas, que tomam formas diversas; elas se baseiam em diferentes critérios e dão lugar a tratos significativos com os alunos, os pais, os administradores escolares e a sociedade em geral, pois, ao serem registradas, essas avaliações servem para comparações de rendimento das escolas, cursos ou universidades.

Avaliação do ensino-aprendizagem descrita pelos autores na citação apresentada retrata a dimensão processual, e continua baseando-se em critérios previamente estabelecidos na perspectiva de produzir comparações entre sujeitos e instituições, deixando de ficar restritas à aplicação de instrumentos e à atribuição de notas. Faz-se necessário, principalmente, por parte dos professores, perceber a avaliação, como conjunto de ações desempenhadas no processo pedagógico, contribuindo na coleta de dados, no registro de informações, na reflexão sobre o

material didático utilizado, na exposição dos processos efetivados como escopo nas possibilidades para a melhoria da formação docente nos cursos de licenciatura.

Considerações Finais

As práticas avaliativas, nos cursos de licenciatura em História, descritas pelos estudantes da UECE e UFC, apresentaram similitudes, divergências, assim como revelaram fragilidades na formação dos futuros professores, especificamente na área de avaliação.

O conceito avaliativo descrito pelos estudantes apresentou similitude na caracterização dos aspectos conceituais. Os estudantes da UECE caracterizaram a avaliação como aplicação de instrumentos, ou seja, coleta de dados, no sentido descrito referiu-se a verificação. Para os discentes da UFC avaliação consiste em provar conhecimentos reconhecendo com *feedback* dos conhecimentos apreendidos.

Outra similitude de informações foi referente aos instrumentos mais utilizados nas disciplinas de ensino nos dois cursos foram provas e seminários, sendo que pelas informações reveladas pelos participantes do grupo de discussão na UECE os professores não realizavam comentários acerca dos resultados das avaliações, deixando de utilizar estratégias para sanar os problemas de aprendizagem. Na UFC os discentes revelaram que a estratégia para sanar as dificuldades de aprendizagem é a prova final e que os docentes realizavam comentários nas turmas a respeito do desempenho dos estudantes de forma coletiva.

A convergência nas informações mencionadas pelos licenciandos pautou-se no desconhecimento acerca das técnicas e critérios de avaliação na concepção dos estudantes da UECE, diferentemente dos discentes da UFC que informaram conhecer as técnicas e critérios utilizados pelos docentes nas disciplinas de ensino.

Nas duas instituições pesquisadas os estudantes informaram que as práticas avaliativas foram desestimulantes, assim como revelaram a falta de formação referente aos aspectos avaliativos que serão utilizados no decorrer do trabalho docente, ou seja, o conhecimento avaliativo será constituído na prática.

Sabemos que não devemos fazer generalizações, mas conforme os resultados mencionados neste texto auxiliam a melhor compreender e alertar aos que ensinam e estudam nos cursos de licenciatura, especialmente os de História, considerando que avaliar a aprendizagem discente é tão significativo como planejar e ensinar, pois, sem os

aspectos avaliativos, encontram-se dificuldades para entender o processo de aprendizagem e os efeitos da prática docente.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução Maria João Alvarez. Porto: Porto. 1994.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

MASETTO, Marcos T. **O professor na hora da verdade: a prática docente no ensino superior**. São Paulo: Avercamp, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004 (Coleção Pensamento e Ação no Magistério).

STEFANELLO, Ana Clarissa. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de Geografia**. Curitiba, Ibpex, 2008. 159 p. (Metodologia do Ensino de História e Geografia: v. 2).

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto Político Pedagógico: Curso de Licenciatura: Modalidade Licenciatura**, 2010. 45 p.